



## O branqueamento cultural nos contos de Cuti

## The man white-black culture in the story of Cuti

*Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira*

Mestranda em Letras Estudos Literários. Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, SE, Brasil.  
E-mail: carolalexandria@yahoo.com.br

### **Resumo:**

A abolição da escravidão no Brasil não fora suficiente para transformar o pensamento da sociedade. As ideias racistas e os comportamentos preconceituosos perduram ao longo do século XX, deixando marcas ainda no século XXI, nos interdiscursos. Na literatura brasileira, por exemplo, o negro nunca fora tratado como nobre. Ao contrário, sempre foi posto em posição inferior, de servidão, indolência, esperteza, malícia, sensualidade, malandragem, à margem, suburbano, recorrentemente num contexto subalterno. A desconstrução de tais estereótipos negros começam a ser percebidos na sociedade, com reflexos na literatura, na segunda metade do século XX, a partir das décadas de 1950 e 1960, com movimentos contra discriminação racial e resgate dos elementos da cultura negra. Com o avanço da luta contra o racismo, nas últimas décadas do século XX, os negros começaram a se tornar protagonistas de suas obras. A palavra passou a ser uma arma contra a resistência. Os contos de Cuti denunciam o racismo velado na sociedade brasileira. Este artigo reúne considerações sobre o modo como o negro se insere atualmente no mundo dos brancos, mediante narrativas cujos sentidos apontam para um racismo disfarçado. Reflete a conjuntura escravocrata no Brasil e a ideia de unidade nacional construída a partir da política hegemônica cultural branca. O corpus se constitui dos contos de Cuti cujas significações denunciam o apagamento da negritude, o branqueamento do negro, a marginalização, vozes historicamente silenciadas. Assim, compreender o racismo a partir dos cenários políticos e sociais.

**Palavras-chave:** Identidade. Raça. Interdiscursos. Literatura Brasileira.

### **Abstract:**

The abolition of slavery in the Brazil don't went adequately for change the think in the society. The race ideology and prejudice comportament to pain throughout century twenty up to century twenty one, in the speeches. Opposed, always be inferior to position, in the servant, indolence, outsmart, malicious, sensual, shirker, marginal, suburban, always in the context servant. Change paradigma race are understand in the society, with reflex in the literature, in the second-half of century twenty, between decade of 1950 and 1960, against discrimination race and lively culture black. Wtih advanced to combat racial, in the ultime decade the century twenty, the blacks to set about to be protagonista ourselves history. The work is arm opposition the resistente. The literature of Cuti report the racismo covered in the society brazilian. This article aggregate consideration about the manners for blacks insert actually in the world man white, face histories whose meaning reveal a racismo

occult. Express the contexto of slavery in the Brazil and notion unity nacional built since political hegemony white-culture. The substancial are formal in the Cuti's history whose meaning report the burn out of ideology black, the marginalization, voice history not brigh. So, understand the racism from setting politics and social.

**Keywords:** Identity. Race. Speech. Brazilian Literature.

## Introdução

A identidade cultural brasileira deve ser definida a partir da miscigenação racial. Consideram-se as contribuições dos três povos autores no processo de formação do Brasil, logo, o cerne brasileiro requer o reconhecimento dos elementos culturais de cada um dos povos que contribuiu para formação do que somos hoje, de modo que “a cultura, através dos seus portadores deva se tornar autorreferencial, sem se fechar numa torre de marfim”<sup>1</sup>, ou seja, supervalorizar uma cultura em detrimento de outra.

O branco europeu, o índio autóctone e o negro africano em quantidade numerosa, cada um com suas peculiaridades, embora silenciadas conforme contexto para o índio e o negro, mas deixaram legados à constituição de identidades nacionais. Entre as etnias, o negro teve presença expressiva no Brasil-Colônia, “supõe que cerca de doze milhões de negros foram traficados para o Brasil entre os séculos XVII e XVIII, para o cultivo da cana-de-açúcar e extração do ouro, respectivamente”<sup>2</sup>. Atividades econômicas extrativistas que garantiram o enriquecimento da colônia e o poderio do homem branco. A escravidão conduziu o negro a um contexto de subserviência, subjugação, servidão, raça inferior. Legado de uma história na qual, ainda hoje paira o preconceito, a discriminação, o discurso implícito do branqueamento negro, e a democracia racial.

Este trabalho reúne considerações sobre o modo como o negro se insere atualmente no mundo dos brancos, mediante narrativas com sentidos subentendidos de um racismo disfarçado, situações recorrentes em distintas circunstâncias sociais. Desse modo, refletir sobre a conjuntura escravocrata no Brasil e a ideia de unidade nacional construída a partir da política hegemônica cultural branca. O corpus se constitui dos contos *Incidente na raiz*<sup>3</sup> e *Boneca*<sup>4</sup> cujas significações denunciam o apagamento da negritude, o branqueamento do negro, a marginalização, vozes historicamente silenciadas. Percebe-se nas entrelinhas traços ideológicos subentendidos de um racismo camuflado, de como o negro é visto socialmente, de um preconceito velado. Tratam-se de textos contemporâneos escritos sobre um povo que luta por uma sociedade justa e democrática, com vistas ao reconhecimento do negro sob a perspectiva de igualdade e não de reificação.

<sup>1</sup> DEBRUN, Michel. A identidade nacional brasileira. DEBRUN, Michel. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 4, n. 8, 1990, p. 44.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In SCHARCZ, Lília M., QUEIROZ, Renato S. (Org). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 204.

<sup>3</sup> CUTI. *Negros em contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996, p. 118-119.

<sup>4</sup> CUTI, 1996, p. 11-13.

Neste contexto, abordamos a complexa questão do racismo a partir de uma perspectiva ampla e diversificada. Trata-se de entender o racismo a partir de sua construção histórica e repercussões no plano individual e psicológico, considerando os cenários políticos e sociais em que se insere. Através das contribuições da cultura negra compreendemos traços do delineamento de uma identidade cultural brasileira. Elementos capazes de descrever e explicar a nação.

### Miscigenação brasileira

De fato, o Brasil nasce sob o signo da miscigenação racial, logo, nota-se a impossibilidade em apontar uma identidade nacional única. A identidade brasileira não é uma somente, embora suas dimensões políticas e culturais não tenham caminhados juntas. Entre os possíveis acontecimentos fundadores da brasilidade pode ser vislumbrado entre as décadas de 1950 e 1960 quando grupos minoritários em políticas públicas, mas majoritários em dados quantitativos como negros e mulatos que constituíam um terço da população total<sup>5</sup> organizaram movimentos sociais com vistas à democracia racial. Desde então, grupos foram sendo constituídos timidamente, com ganhos ainda pouco representativos à causa negra, embora fossem conquistas em prol do seu reconhecimento junto à sociedade, como uma tentativa de fazer surgir a identidade nacional.<sup>6</sup>

Sabemos que a identidade cultural funciona como referência de um povo. Se ao definir uma identidade para o Brasil formos considerar quem mais contribuiu para o crescimento do país, então, a cara do Brasil será identificada sob a cultura negra. De fato, foram os negros quem desenvolveram o Brasil. Foram eles que, mesmo sob trabalho forçado, alavancaram braçadas no plantio da cana-de-açúcar e na extração ininterrupta do ouro e dedicaram mão-de-obra e serviços de toda espécie em benefício do fortalecimento, do poderio do homem branco.<sup>7</sup>

Os escravos representaram “as mãos” e “os pés” do senhor de engenho porque sem eles o Brasil não teria sido possível. Nada teria ido para frente sem a força, o suor e o sangue do trabalho escravo negro. A raça negra nos deu um povo. Ela construiu o nosso país, reconhecimento este expresso por Joaquim Nabuco, que exigia a doação da carta de alforria aos referidos<sup>8</sup>:

Tudo o que significa luta do homem com a natureza, conquista do solo para a habitação e cultura, estradas e edifícios, canaviais e cafezais, a casa do senhor e a senzala dos escravos, igrejas e escolas, alfandegas e correios, telégrafos e caminhos de ferro, academias e hospitais, tudo, absolutamente tudo que existe no país como resultado do trabalho manual, como emprego de capital, como acumulação de riqueza, não passa de uma doação gratuita da raça que trabalha à que faz trabalhar.<sup>9</sup>

É impossível vislumbrar uma sociedade onde a organização social não dependia do uso da força e da violência como causa da aglutinação<sup>10</sup>, ou seja, devorar uma cultura rotulada como inferior em favorecimento de uma cultura que se autodenomina soberana. No entanto, a história

---

<sup>5</sup> PRADO JR, Caio. Raças. In: *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 83-116.

<sup>6</sup> DEBRUN, 1990, p. 46.

<sup>7</sup> RIBEIRO, 1996, p. 206.

<sup>8</sup> SANTIAGO, Silvano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

<sup>9</sup> NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 40.

<sup>10</sup> SANTIAGO, 2000.

comprova os fatos e não há como contestar a notável participação do elemento negro na população brasileira, marcadamente em números elevados e atividade econômica expressiva. Desse modo, há que se pensar o Brasil não em termo de “identidade” única, mas sim de “identidades” formadas por diferentes povos negros, afrodescendentes, aqui naturalizados negro-brasileiros.

O negro exerceu contribuição econômica considerável. Havia trabalhos braçais, por exemplo, em que o negro era mais resistente para desempenhar em relação ao índio. Além disso, mesmo forçado, exerceu contato mais íntimo com o branco através da servidão na *Casa Grande* nas tarefas domésticas como cozinha, amas de leite, mucamas, encontros sexuais às escondidas, multiplicando cruzamentos entre branco e negro de modo a ampliar a geração de mulatos. Enquanto isso, na *Senzala*, a força econômica negra dobrava com o trabalho árduo na lavoura.<sup>11</sup>

Mesmo com a abolição da escravatura o negro não se viu livre de discriminação, pois, não tinha para onde ir, tampouco havia como garantir sua subsistência após um longo período de exploração escrava. O negro foi ficando à margem da sociedade, buscando atividades temporárias para garantir algum dinheiro e, assim, sobreviver, “saía de um brutal estágio escravocrata para vagar sem rumo, sem emprego, sem perspectiva de progresso numa sociedade que ainda conservava o sentimento de preconceito e exclusão”<sup>12</sup>. A servidão ao homem branco agora tem vistas à sobrevivência individual.

### O estereótipo negro na literatura brasileira

Embora se reconheça a imensa contribuição econômica do negro para o desenvolvimento do Brasil, a aceitação da cultura negra na sociedade brasileira ocorre paulatinamente, tendo muito a caminhar. Sabemos que o estereótipo negro é secular e patriarcal; advém desde o Brasil-Colônia mediante a forma como os negros foram transportados para cá: ‘arrancados’ de suas terras, forçados a entrar no porão do navio e atravessar o atlântico sob condições desumanas e insalubres, aportar aqui e ser obrigado ao trabalho escravo e à servidão. Plantar para o progresso do outro e sempre rotulados povos inferiores. O negro é visto em condição subalterna.

Na literatura brasileira, por exemplo, o negro nunca fora tratado como nobre. Ao contrário, sempre foi posto em posição inferior, de servidão, indolência, esperteza, malícia, sensualidade, malandragem, à margem, suburbano, recorrentemente num contexto subalterno. O romance naturalista *O cortiço* (1888) não aponta nenhuma forma de ascensão social entre os elementos humanos negros ou mulatos, aliás, todos se encaixam na referida descrição:

O personagem Jerônimo é um imigrante português que chega ao Brasil com todos os atributos conferidos à raça branca como força, persistência, gosto pelo trabalho, espírito de cálculo com vistas ao progresso. Mas ao se enamorar da mulata Rita Baiana e se misturar

<sup>11</sup> PRADO JR., 1994, p. 110-116.

<sup>12</sup> FERNANDES, 1972, p. 66.

aos miscigenados brasileiros, torna-se preguiçoso, manhoso, fraquejando-se no objetivo de ascender financeiramente.<sup>13</sup>

O escritor Aluísio Azevedo responsabiliza a estagnação do branco português em virtude da “mistura” ao povo brasileiro, composto em sua maioria por negro e mestiços. Ao contrário do João Romão que ascende socialmente no momento em que se distancia da raça negra ao se livrar da negra Bertoleza depois de extrair dela toda a mão-de-obra necessária para alavancar o empreendimento comercial do português<sup>14</sup>. Outra forma de ascensão social conferida no romance naturalista vai para o português Miranda, o dono do sobrado, aquele que ocupa a posição central na administração dos negócios.<sup>15</sup>

A figura pejorativa do negro na literatura brasileira está registrada desde o Romantismo, no livro de Bernardo Guimarães *A Escrava Isaura*, que branqueia a descendente de escrava, colocando-a no contexto do homem branco. Isaura tem sangue negro em pele branca, convive na *Casa Grande* em meio às sinhás, mas é alva dos interdiscursos da condição subalterna negra, à condição de escrava. O branqueamento do negro também aparece em *O mulato*, de Aluísio Azevedo cujo protagonista Raimundo, o mulato de olhos azuis.

Na transição entre os séculos XIX e XX, o escritor pré-modernista Lima Barreto, mulato criado no contexto da segregação racial e social, revela em sua escrita os preconceitos e as agruras de um tempo sombrio mesmo sendo recente à abolição da escravidão no Brasil ainda era forte o sentimento de exclusão racial. No conto *O homem que sabia javanês*, por exemplo, Lima Barreto insere o protagonista Castelo na política do “jeitinho brasileiro”, comportamento utilizado para se dar bem, em pouco tempo e sem esforço algum. A segunda fase do Modernismo reúne a literatura de Jorge Amado e a mulata cozinheira e sensual em *Gabriela cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, na pele também das mulatas sedutoras e sexuais, como *Tieta* e *Tereza Batista cansada de guerra*.

Com a extinção da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889, a elite brasileira implementou políticas públicas alicerçadas nos postulados do racismo científico e do darwinismo social e lançou o Brasil numa campanha nacional para substituir a população mestiça brasileira por uma população ‘branqueada’ e ‘fortalecida’ por imigrantes europeus<sup>16</sup>. As teorias raciais defendidas no limiar entre os séculos XIX e XX contribuíram para o fortalecimento da imagem preconceituosa dos negros no Brasil. À época, precursores das Ciências Sociais no país como Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha são influenciados pelas teorias positivistas de Comte, pelos pressupostos do darwinismo social e o evolucionismo de Spencer, referências teóricas que privilegiavam a lei dos mais fortes e mais aptos. À raça inferior cabia-lhe a discriminação, à subserviência, à servidão. Tratavam-se de leis que estabeleciam o progresso das

---

<sup>13</sup> ORTIZ, Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 39.

<sup>14</sup> ORTIZ, 2012, p. 39.

<sup>15</sup> SANTIAGO, 2000.

<sup>16</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns aspectos históricos. *Revista Tempo Presente*, 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07](http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

civilizações, embora tais experimentos estivessem sido aplicados à fauna e à flora brasileira, não à espécie humana. Pensar o evolucionismo como natural no processo de formação do povo brasileiro é confirmar o racismo latente<sup>17</sup>.

Parece ser arriscado falar em democracia racial no Brasil. Há preconceito, porém disfarçado. A discriminação racial é cultural, ou seja, a diferença do outro é julgada como estranha e sem valor de verdade. Outro aspecto tão forte como à segregação racial é a disparidade econômica: não basta ser negro e pobre para ser excluído. Branco e pobre também fica à margem do sistema. No entanto, há todo um discurso ‘harmônico’ que nos faz pensar que nesta mistura está tudo bem. O racismo tem aspectos muito mais profundos que a questão econômica não resolve. A mestiçagem é o que sustenta o mito da democracia racial<sup>18</sup>.

Além da questão raça, o clima também foi determinante para definir a realidade brasileira. Na visão de Sílvio Romero, o que se propunha era vincular o desenvolvimento do país mediante aspectos como calor, umidade, fertilidade do solo, abundância dos rios, ventos alísios, enfim, através da geografia diversificada e climatologia relativamente estável, conforme extensão do território brasileiro. Neste cenário de resistência, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” acepção de Euclides da Cunha para enfatizar a resistência do homem do nordeste diante das condições naturais extremas. Esta região concentra o maior número de miscigenados do Brasil, o sertanejo, fruto do cruzamento entre branco/negro, branco/índio, negro/índio.

O mestiço é, para os pensadores do início do século XX, mais do que uma realidade concreta. Ele representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social, ou seja, fonte para a elaboração de uma identidade nacional. O brasileiro é essencialmente mestiço<sup>19</sup>. De fato, o Brasil começa a definir sua identidade quando reconhece negros e mestiços como princípios da identidade cultural brasileira. Do cruzamento entre brancos e negros gerou o mulato, e o mulato não é nem português nem africano, é o brasileiro-nato<sup>20</sup>:

O povo para ter uma identidade se sentia desafiado a sair da ‘ninguendade’, etnicamente falando, de não-europeu e não-índio, criando a sua própria de brasileiro. O mulato gerado pela negra também era um ninguém. O mulato tem essa qualidade do ser duplo – híbrido – do homem que é dois: ele é África, ele é América e ele é ninguém até encontrar uma identidade. Esse é o primeiro encontro do Brasil com sua identidade<sup>21</sup>.

As teorias raciais formuladas para explicar o Brasil pós-abolicionista reproduzem as contradições reais da sociedade como um todo, ou seja, se os três pensadores sociais brasileiros afirmam que a inferioridade racial explica o porquê do atraso brasileiro, então, é a mestiçagem que

---

<sup>17</sup> ORTIZ, 2012, p. 14-17.

<sup>18</sup> MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ. Renato S. (Org). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 213-229.

<sup>19</sup> ORTIZ, 2012, p. 22.

<sup>20</sup> RIBEIRO, 1996, p. 197.

<sup>21</sup> RIBEIRO, 1996, p. 197-198.

aponta para a formação de uma possível unidade nacional, caminhos para o reconhecimento da nossa identidade cultural<sup>22</sup>.

A desconstrução de tais estereótipos negros começam a ser percebidos na sociedade, com reflexos na literatura, na segunda metade do século XX, a partir das décadas de 1950 e 1960, com movimentos pela eliminação das discriminações, pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e pelo resgate dos elementos que fazem a história do negro enquanto grupo étnico. Neste contexto, a literatura funciona como canal de afirmação cultural.

### O branqueamento cultural na prosa poética de Cuti

Com o avanço da luta contra o racismo, nas últimas décadas do século XX, os negros começaram a se tornar protagonistas de suas obras. A palavra passou a ser uma arma contra a resistência. Os contos de Cuti denunciam o racismo velado na sociedade brasileira. Nesta coletânea de contos, o escritor aborda situações de vida e sentimento, alienação e indignação, alegria e sofrimento, indiferença, carência e luta, desespero e resignação, resistência e protesto, preconceito e intolerância. Dessa forma, escreve sobre negros com o intuito de denunciar uma sociedade que finge viver em democracia racial.

O conto *Boneca*<sup>23</sup> mostra uma loja de brinquedos que expõe na vitrine bonecas brancas, com cabelos loiros e ruivos. O cliente negro procura para a filha uma boneca negra, de cabelos e olhos escuros. A vendedora branca demora a encontrar uma boneca negra que estava escondida no depósito porque não havia demanda, conforme os fragmentos:

**VENDEDORA:** Temos várias bonecas. Olha aqui a Barbie, a Xuxinha... e a loirinha foi apanhando diversas bonecas: (...) olha que gracinha esta aqui de olhos azuis! É novidade. Chegou ontem e já vendeu quase tudo.

**CLIENTE:** é que estou procurando uma boneca negra... A vendedora procura melhor na prateleira de baixo, lá em cima mesmo (no depósito), perto da pia. E, do alto do mezanino, mostrou o rostinho gorducho, marrom escuro, de uma boneca

**GERENTE:** desculpe-me a demora. O importante é que encontramos o produto. Está em falta, sabe... eles não entregam. Eu mesmo encomendei na semana passada. Mas o representante disse que a firma está exportando para a África. Está certo, mas aqui também tem freguês que procura, não é? O senhor é brasileiro? Respondeu que sim. Então... o homem engoliu a frase e preparou a nota.

**CLIENTE:** Na rua, na lanchonete, o balconista pergunta: vai uma loira gelada aí, chefe? Ao primeiro gole de cerveja sentiu-se profundamente aliviado e feliz.

Nota-se o preconceito racial disfarçado na tentativa de ocultar a memória subjetiva negra. Faz-se valer a cultura do branqueamento. Este branqueado do negro é construído desde o imaginário infantil, quando se fabricam bonecas – ícone do universo infantil feminino – brancas, loiras, de olhos azuis. As crianças negras têm como referência as bonecas loiras. Esse comportamento vai na contramão da construção da identidade social brasileira.

<sup>22</sup> ORTIZ, 2012, p. 34.

<sup>23</sup> CUTI, 1996, p. 11-13.

Outra narrativa sobre a cultura do branqueamento do negro está em *Incidente na Raiz*<sup>24</sup> cuja protagonista Jussara não se aceita negra e faz de tudo para vê-se branca: o cabelo crespo está sempre liso à ferro. No nariz colocou um pregador de roupa para fechar as narinas. Detestava tirar fotos frontais, preferia fotos de perfil. Para esconder os lábios carnudos adquiriu um cacoete. Seus amigos e namorados eram sempre brancos. Sobre a pele usava constantemente creme e pó branqueador. Um dia soube de um produto que garantia alisamento permanente no cabelo. Comprou-o de imediato, aplicou-o no couro cabeludo, porém, logo sentiu os efeitos colaterais, tendo que ser levada às pressas para o hospital. Sofreu graves queimaduras na cabeça. Ficou internada e, ao acordar, o enfermeiro crioulo que a examinara faz crítica jocosa, através da saudação: *Tá melhor, nêga?* Em reação, a mulata desmaiou novamente. O título *Incidente na Raiz* remete à herança cultural, às origens negras da protagonista impossíveis de serem apagadas. As intenções de branqueamento do negro aqui observadas referem-se ao branqueamento físico – com a mudança da aparência – motivado pelo branqueamento psicológico inconsciente que levou a personagem a desacreditar em sua beleza natural.

O texto *O negro no mundo dos brancos*<sup>25</sup> aponta que a abolição da escravidão no Brasil não fora suficiente para transformar o pensamento da sociedade. As ideias racistas e os comportamentos preconceituosos perduram ao longo do século XX, deixando marcas ainda no século XXI mesmo que de forma implícita nos interdiscursos:

A abolição consistiu um episódio decisivo de uma revolução social feita pelo branco e para o branco. (...) Primeiro, porque o ex-agente de trabalho escravo não recebeu nenhuma indenização, garantia ou assistência; segundo, porque se viu, repentinamente, em competição com o branco em ocupações que eram degradadas e repelidas anteriormente, sem ter meios para enfrentar e repelir essa forma mais sutil de despojamento social.<sup>26</sup>

Vemos em ambos os contos o atravessamento de interdiscursividades que remetem à tentativa de apagamento do negro, de cerceamento do direito de fazer valer a identidade cultural negra. Tais contos se inserem nas discussões acerca dos aspectos socioculturais em branquear o negro para inseri-lo numa sociedade de predominância político-econômica branca. Atender a demanda de um ideal-padrão de beleza conferido aos indivíduos fenotipicamente brancos, e, “para participar desse mundo, o negro e o mulato se veem induzidos a se identificar com o branqueamento fenotípico, psíquico e moral, ao sair da sua pele, simulando a condição humana-padrão do mundo dos brancos”<sup>27</sup>. Tais significações situam o negro dentre de uma cultura hegemonicamente branca. Percebe-se que no Brasil o preconceito contra o negro ultrapassa questões socioeconômicas e revela uma questão de alteridade: uma incapacidade de aceitar o outro pelo que ele é, pela distinção em que se apresenta. O diferente demonstra-se repulsivo.

---

<sup>24</sup> CUTI, 1996, p. 118-119.

<sup>25</sup> FERNANDES, 1972, p. 67.

<sup>26</sup> FERNANDES, 1972, p. 47.

<sup>27</sup> FERNANDES, 1972, p. 15.

## Considerações finais

A formação da identidade cultural brasileira perpassa pela herança da mestiçagem. O foco da discussão sobre o negro consiste na expressiva contribuição que este povo forneceu para o desenvolvimento econômico do país. Sua força braçal, sua integral subserviência ao homem branco, a submissão ao trabalho escravo desumano, as manifestações culturais específicas, tudo leva a crer que, dos três povos que formaram o brasileiro, o negro teve maior parcela na construção do que somos hoje. Foram eles também quem ergueram prédios para funcionar as instituições que desempenham atividades administrativas diversas.

No tópico sobre a miscigenação brasileira, Michel Debrun define a certidão de nascimento do Brasil sob o signo da miscigenação racial. Apesar de defender a identidade nacional através da mistura de raças, Debrun também abre interpretações para as contribuições específicas de cada povo. Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro e Silviano Santiago, por exemplo, estão entre os teóricos que enfatizam a presença negra no processo de engrandecimento e fortaleza do Brasil.

Em contrapartida, as teorias raciais entre os séculos XIX e XX colocaram o negro na postura de 'vilão', traçando características depreciativas e pejorativas do negro à época pós-abolicionista, quando floresceram os pressupostos positivistas de Comte e o evolucionismo darwiniano. O protótipo de manhoso, malandro e desordeiro dos negros e mulatos também foram refletidos na literatura brasileira, sendo claro no Romantismo de Bernardo Guimarães, passando pelo Naturalismo de Aluísio de Azevedo e o Pré-Modernismo com Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, expressivamente. A postura de servidão do negro/mulato ao homem branco também é nítida na literatura de Jorge Amado.

Ao mesmo tempo em que serviu de referência negativa sobre a imagem dos negros e mulatos, a literatura brasileira também serviu de canal para denunciar os males da escravidão, o racismo dissimulado nas entrelinhas, as consequências de um povo escravizado e a existência de uma falaciosa democracia racial, como na prosa poética dos contos de Cuti. Sua narrativa apresenta interdiscursos significativos sobre o negro no contexto brasileiro contemporâneo.

Neste corpus percebemos que a construção da identidade cultural brasileira se dá a partir do momento em que o negro consegue espaço para falar de si, das desumanas condições as quais fora submetido ao longo da história, do preconceito racial e discriminação em geral. Através da arte, particularmente da literatura, da palavra e seus sentidos, estas vozes conquistam presença nos espaços antes fechados e canônicos, nos quais somente a elite dominante branca tinha acesso. A escrita literária tem sido uma arma eficiente para desvelar a história obscura de um tempo, de um povo, de uma identidade cultural silenciada, contribuições estas que definem a cara da nação brasileira.

## Referências

CUTI. *Negros em contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

DEBRUN, Michel. A identidade nacional brasileira. DEBRUN, Michel. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 4, n. 8, 1990, p. 39-49.

FERNANDES, Florestan. Além da pobreza, o negro e o mulato no Brasil. In: *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 66-78.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ. Renato S. (Org). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 213-229.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

PRADO JR, Caio. Raças. In: *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 83-116.

ORTIZ, Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p.13-35.

\_\_\_\_\_. Da raça à cultura: mestiçagem e o nacional. In: *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 36-44.

RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In SCHARCZ, Lília M., QUEIROZ. Renato S. (Org). *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 187-211.

SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/.../silviano-interpretes-intro...>>. Acesso em: 20 maio 2016.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns aspectos históricos. *Revista Tempo Presente*, 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07](http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07)> Acesso: 05 jun. 2016.